

The background of the cover is a stylized illustration. At the top, a blue cat is curled up on a dark blue tiled roof. Below the roof is a row of seven glowing orange lanterns. Behind the lanterns, a window with a black grid shows silhouettes of people inside. The background features large, flowing, organic shapes in shades of orange, red, and blue, resembling smoke or stylized clouds. Small yellow butterfly-like shapes are scattered throughout. In the top right corner, there is a blue circular badge with white text. At the bottom, a large orange banner contains the title in bold letters. In the bottom left corner, there is a small white box with black text, and at the bottom center, there is a line of text in orange.

DO AUTOR DE
OS MISTÉRIOS
DO RESTAURANTE
KAMOGAWA

HISASHI KASHIWAI
O RESTAURANTE
DAS RECEITAS
PERDIDAS

TOP
SEL
LER

BESTSELLER INTERNACIONAL

ÍNDICE

| | |
|--------------------------------------|-----|
| Capítulo 1: <i>Nori-Ben</i> | 7 |
| Capítulo 2: Bife de Hambúrguer | 37 |
| Capítulo 3: Bolo de Natal | 73 |
| Capítulo 4: Arroz Frito | 111 |
| Capítulo 5: <i>Ramen</i> | 143 |
| Capítulo 6: <i>Tên-Don</i> | 173 |



CAPÍTULO 1

Nori-Ben

海苔弁



1

Kyosuke Kitano saltou do expresso de Keihan na estação de Shichijo, subiu as escadas e saiu para a luz do dia, depois parou para contemplar as águas em torvelinho do Kamogawa. Já tinham passado cinco anos desde que se mudara da divisão administrativa do sul de Oita para a cidade próxima de Osaka, mas esta era a primeira vez que ia a Quioto.

Trazia ao ombro um saco de desporto azul-marinho com o nome da universidade onde andava estampado, com o braço enfiado pelas alças. Tinha pequenos fios de suor a escorrer pelo pescoço musculoso, que deixavam manchas de humidade no polo branco. Semicerrou os olhos para os proteger da luz do sol refletida no rio, consultou o mapa que tinha na mão e começou a caminhar para Oeste.

Depois de atravessar uma ponte, chegou à rua Kawaramachi, onde parou e começou a rodar o mapa para um lado e para o outro, girando no lugar ao fazê-lo. Olhou em redor com a cabeça inclinada, confuso e em desespero.

Ao ver um homem de bicicleta que ia a passar com uma caixa de madeira do género utilizado nas entregas de comida, disse:

— Desculpe! Onde fica o templo Higashi Honganji?

— Sempre em frente por ali — respondeu o homem, apontando para Oeste. — Vire à direita ao fundo da avenida Karasuma. — Começou a afastar-se a pedalar.

— Na verdade, estou à procura de um restaurante na rua Shomen — insistiu Kyosuke, a correr para o conseguir acompanhar.

O homem tirou outra vez os pés dos pedais.

— O restaurante do senhor Kamogawa?

— Sim, esse mesmo. — Kyosuke mostrou o mapa ao homem. — O Restaurante Kamogawa.

— Terceira à direita e depois segunda à esquerda. É o quinto edifício à esquerda. — Depois de proferir estas palavras apressadas, o homem afastou-se a pedalar.

— Obrigado! — gritou Kyosuke, fazendo uma pronunciada vénia para o vulto que se afastava.

Contando as ruas pelos dedos, seguiu as indicações do homem até chegar ao destino: um edifício de dois andares com o exterior em argamassa um pouco pesado e nenhum letreiro a anunciar a sua existência. Era exactamente aquilo que lhe tinham dito. Kyosuke levou uma mão ao peito, respirou fundo três vezes e abriu a porta.

— Olá? — disse para o interior.

— Ah — disse Nagare Kamogawa, levantando a cabeça do balcão que estava a esfregar. — Entre.

Kyosuke foi apanhado de surpresa pelo tom acolhedor, em comparação com o exterior austero do edifício.

— Vim... solicitar os seus serviços de detetive gastronómico — balbuciou.

— Pode relaxar. Não mordo. Entre e sente-se. — Nagare indicou-lhe uma das cadeiras dobráveis vermelhas numa mesa ali perto.

— Obrigado. — Kyosuke respirou de alívio, embora se sentasse na cadeira ainda de uma forma algo mecânica.

— Tem fome? — indagou Nagare. — Quer petiscar alguma coisa?

— Oh... Quer dizer que posso comer aqui? — Kyosuke estava com tanta dificuldade em proferir as palavras que parecia estar na iminência de morder a própria língua.

— Mais vale, já que está aqui! Depois pode falar-me desse prato de que está à procura.

— Quer dizer que é um estudante? — perguntou Koishi, a filha de Nagare, ao sair da cozinha no preciso instante em que o pai entrou. Estava a usar um avental de *sommelier* por cima da camisa branca e das calças de ganga pretas. — Tem ar de quem pertence a um clube de desporto. Deixe-me adivinhar: kendo. Não, judo?

— Não propriamente — disse Kyosuke, com um sorriso.

— Mas esses *músculos*... — disse ela, apreciando-lhe os bíceps. — Deve ser *algum* tipo de arte marcial, não?

— Não é nada tão impressionante.

— A sua universidade fica em Quioto?

— Não, em Osaka. Conhece a Faculdade de Desporto de Kindai? A propósito, chamo-me Kyosuke — acrescentou, levantando-se ao apresentar-se.

— Tenho a sensação de que já o vi algures... — disse Koishi, sondando-lhe as feições com atenção.

— Devo ter uma daquelas caras — retorquiu, com um sorriso tímido.

— Então, como soube deste lugar?

— Sabe, vivo na residência da universidade e é lá que faço todas as refeições. Falei com o cozinheiro sobre um prato que comi quando era pequeno e ele tentou confeccioná-lo para mim, mas o sabor não era bem o mesmo. Quando lho disse, ele aconselhou-me a vir aqui e mostrou-me o vosso anúncio na *Gourmet Monthly*.

— Ah, o anúncio — disse Koishi, limpando a mesa com esmero.

Nagare reapareceu com uma bandeja de metal carregada de pequenos pratos.

— Provavelmente isto não chega para um jovem como o senhor — murmurou ao pousá-la na mesa. — Tem de me dizer se quiser mais.

— Isto tem um aspeto... incrível — disse Kyosuke, olhando para a comida com um ar entusiasmado.

— Arroz *tsuyahime* de Yamagata. Servi-lhe uma dose maior. Sopa *miso* de porco a acompanhar. Também tem bastantes tubérculos, apesar de não serem todos especialidades requintadas em Quioto. Agora, o prato maior consiste numa fusão de cozinha nipónica e ocidental. Aquilo ali é lúcio frito com polpa de ameixa ácida e folha de *perilla*. As malaguetas *manganji* também são fritas. Prove-as com o meu molho *Worcester* caseiro. A tigela pequena é cavala polvilhada com *miso*, com recheio de gengibre *myoga* em tiras. O rosbife é de carne de Quioto, servido com um pouco de molho de soja com *wasabi* e envolto numa folha de *nori* torrada. Quanto às

almôndegas de pato ao estilo *teriyaki*, pode mergulhá-las no acompanhamento de gema de ovo de codorniz. Tofu gelado com a pele picada do lúcio e, para terminar, beringela *kamo* frita com molho de caril amiláceo. Bom proveito!

Kyosuke lambeu os lábios enquanto assentia entusiasticamente a cada palavra de Nagare.

— A comida não é sempre assim tão chique, sabe? — disse Koishi com um piscar de olho. — O pai ficou todo entusiasmado quando viu que tínhamos um jovem solteiro e bom partido a visitar-nos e agora está a caprichar.

— Caluda! — disse Nagare, arrastando-a para a cozinha.

Apesar de acenar entusiasticamente com a cabeça, Kyosuke praticamente não fazia ideia do que eram os alimentos à sua frente. Lúcio e cavala eram tipos de peixe, isso sabia, mas já em relação ao sabor que teriam... Sentira um alívio ao ouvir falar em rosbife, molho *Worcester* e caril, mas até mesmo essas partes da refeição pareciam suspeitosamente diferentes de tudo o que normalmente comia.

Após cerca de dez segundos de silenciosa contemplação, agarrou a tigela de arroz com firmeza com a mão esquerda, pegou numa almôndega de pato com os pauzinhos, mergulhou-a na pequena tigela de gema de ovo de codorniz, pousou-a no arroz e depois levou-a à boca.

Soltou um discreto arquejo de deleite, depois atirou-se de imediato ao lúcio frito e ao rosbife, os pauzinhos a trabalhar à velocidade da luz. Cada pedaço de comida desencadeou um murmúrio de agrado.

Para ser franco, como nunca comera nada que se pudesse sequer comparar, Kyosuke não fazia ideia do calibre de cozinha

que estava a experimentar. O que sabia, de forma instintiva, era que os pratos à sua frente transmitiam a mesma aura que os atletas de topo de nível mundial. A comida que lhe enchia a boca naquele momento era simplesmente sensacional.

— Que tal? — perguntou Nagare, assomando ao seu lado com um jarro de vidro de chá gelado.

— Na verdade, não sei bem como o descrever. Sou um zero à esquerda no que toca a culinária, mas isto estava... delicioso.

— Ainda bem — disse Nagare, servindo o chá. — Um cozinheiro como eu só tem uma oportunidade para conquistar o cliente. Se não gostam do que lhes sirvo, não regressam. É claro que, se regressarem, poderei servi-los uma e outra vez.

Kyosuke ficou pensativo, como que a ponderar o significado das palavras de Nagare.

— Se isso o deixou cheio — continuou —, deixe-me mostrar-lhe o escritório nas traseiras. A minha filha vai recebê-lo lá.

— Sim, em relação a isso... — disse Kyosuke e bebeu o resto do copo de chá. — Estava só a pensar que se calhar, afinal de contas, não preciso da vossa ajuda.

Nagare voltou a encher o copo.

— Porquê? Foi por isso que veio aqui, não foi?

— É que... — disse Kyosuke, mexendo no copo. — Depois de uma refeição destas, o meu pedido parece um pouco descabido...

— Ouça. Veio aqui porque queria a nossa ajuda para recriar uma refeição. Algo dentro de si lhe disse para vir cá – algo que não compreende muito bem. Uma espécie de... neblina no seu âmagô. Está a dizer-me que essa neblina se dissipou completamente?

— Mas... — ripostou Kyosuke sem levantar a cabeça.
— O prato para o qual preciso de ajuda é tão básico que nem sequer sei se podemos chamar-lhe «prato».

Nagare fitou-o, resoluto.

— Não sei o que procura, mas posso afiançar-lhe que, no que concerne a culinária, não existe o conceito de «básico».

Kyosuke assentiu com a cabeça, deu palmadinhas no rosto e pôs-se de pé.

— Então, está bem. Vamos a isso.

Nagare sorriu.

— Ainda bem. Venha comigo. — Acompanhou Kyosuke até à porta ao fundo do restaurante e conduziu-o a um corredor.

— O que é isto? — perguntou Kyosuke, olhando para as fotografias que forravam as paredes.

— São sobretudo pratos que confecionei ao longo dos anos — disse Nagare.

Ao caminhar, os olhos de Kyosuke saltavam de uma fotografia para outra.

— O senhor é mesmo capaz de cozinhar qualquer coisa, não é?

Nagare parou e virou-se.

— Homem dos sete instrumentos e especialista em nenhum, seria outra maneira de o dizer. Se me dedicasse apenas a um prato, por esta altura talvez já tivesse conquistado uma estrela Michelin.

— Apenas um prato, hã? — murmurou Kyosuke. Tinha parado de caminhar e estava a olhar pensativamente para o ar.

— Sente-se bem? — indagou Nagare.

— Oh, estou ótimo — disse Kyosuke e voltaram a caminhar pelo corredor.



Koishi estava à espera no escritório nas traseiras do restaurante.

— Faça o favor de se sentar.

— Está bem. — Kyosuke fez uma vénia e depois sentou-se ao centro do sofá em frente a ela.

— Pode preencher isto? — perguntou Koishi, entregando-lhe um bloco de notas com mola com um formulário. — Não se preocupe com os pormenores.

— Tenho uma letra horrível. Espero que a consiga ler. — Começou a rabiscar, inclinando a cabeça de vez em quando como que a pensar.

— Kyosuke Kitano. Faculdade de Desporto de Kindai... — Koishi bateu palmas. — Já me lembro!

— Lembra do quê? — perguntou Kyosuke, algo perplexo.

— É aquele nadador! Vi-o numa revista. Dizia lá que era uma das grandes promessas da modalidade. — Koishi tinha os olhos cintilantes.

— Oh, não sei se é bem assim... — disse Kyosuke com um sorriso modesto ao devolver o bloco.

— Vai participar nos Jogos Olímpicos, não vai? — perguntou Koishi enquanto sondava o resto do formulário.

— Depende de como me sair nas provas de qualificação.

— Dizia na revista que é um verdadeiro ás em todas as categorias. Estilo livre, costas – tudo.

— Na realidade, estão sempre a dizer-me que deveria concentrar-me apenas numa categoria.

— Bem, ficaremos a torcer por si. — Koishi franziu os lábios. — Então, que prato é esse que procura?

— Nem acredito que estou a pedir isto — disse Kyosuke, baixando a voz e olhando para os pés —, mas gostaria que me fizessem um *nori-ben*.

— *Nori-ben*? Quer dizer, tipo... uma caixa de *bentō*¹? Algas *nori* numa cama de arroz, com peixe frito ou tempura *chikuwa* ou algo do género a acompanhar?

— Não, nada a acompanhar. — Kyosuke falava agora ainda mais baixo. — Apenas as *nori* no arroz...

— Apenas as *nori*? — perguntou Koishi, inclinando-se para a frente. — Mais nada?

— Isso mesmo — murmurou Kyosuke, encolhendo o arcaboço, a voz praticamente um sussurro agora.

— Presumo que não tenha comido isso num... restaurante, certo? — perguntou Koishi, olhando-o com curiosidade.

— Foi o meu pai que mo cozinhou.

— O *bentō* do seu pai, eh... Bem, porque não lhe pede? Se é de Oita, não fica *muito* longe, pois não?

— Não falo com o meu pai há mais de cinco anos — respondeu Kyosuke, a voz um pouco embargada.

— Compreendo... Sabe ao menos onde vive?

— Constou-me que estava a viver em Shimane.

¹ Refeição servida numa caixa, geralmente como marmita ou em contexto de hospitalidade, e que pode conter ingredientes como *sashimi*, estufados, grelhados e arroz, entre outros. [N. T.]

Koishi arregalou os olhos, espantada.

— Em Shimane? Porquê?

— O meu pai tinha o vício do jogo. Foi por isso que a minha mãe o deixou. Mesmo quando adoeceu, insistiu que o dinheiro que se pagava aos médicos era um desperdício. Em vez disso, gastou todo o nosso dinheiro nas corridas de *keirin*. Creio que esteja agora a pagar o preço de tudo isso. Ouvi dizer que está a viver em casa da minha tia em Shimane enquanto, por fim, recebe tratamento para a sua doença.

— Muito bem — disse Koishi, escrevendo algo no caderno.
— E a sua mãe?

— Voltou a casar. Agora, vive em Kumamoto.

— E quando foi que deixou o seu pai?

— Foi nas primeiras férias de verão depois de eu começar a estudar na escola secundária de Oita, por isso há cerca de dez anos. O pai apostou todo o dinheiro que ela andava a poupar para umas férias em família numa corrida de cavalos. A minha irmã mais nova foi viver com ela, mas eu preferi ficar com o meu pai. Achei que não se desvencilharia sozinho, sabe...

— Quer dizer que ficou a viver só com o seu pai — disse Koishi, virando a folha do seu caderno. — Qual é a profissão dele?

— Era motorista de um táxi turístico em Oita, para uma empresa chamada Bungo Tours. — Kyosuke fez um sorriso amargo. — Mas acho que passava mais tempo nas corridas.

— Certo, recapitulemos. Até ir para a escola secundária em Oita, viviam os quatro juntos. Depois, no verão do seu primeiro ano na secundária, a sua mãe saiu de casa com a sua irmã mais nova, deixando-o aos cuidados do seu pai. E agora o senhor vive em Osaka. Assim... quando foi que saiu de Oita?

— A meio do segundo ano na secundária, quando um clube de natação de Osaka me convidou para mudar para uma escola afiliada na Faculdade de Desporto de Kindai. Desde então que vivo em residências.

— Quer dizer que viveu com o seu pai durante... — Koishi contou pelos dedos — quatro anos, certo?

— Sim. É claro que isso significou que tive de cozinhar para mim. A escola que frequentei em Oita tinha cantina, mas durante os três anos antes disso, quando ainda andava na secundária, o meu pai fazia-me uma marmita estilo *bentō* todos os dias.

— E às vezes fazia-lhe um *nori-ben*?

Kyosuke fez um sorriso pouco seguro.

— Às vezes, não. Sempre.

— Sempre? — perguntou Koishi, boquiaberta. — Quer dizer... todos os dias?

— A culpa é toda minha. Sabe, da primeira vez que o fez, caí no erro de lhe dizer que gostei. «Superdelicioso», creio que foi a expressão que utilizei. O pai ficou radiante. Depois disso, começou a fazê-lo todos os dias. — Kyosuke estava com uma expressão um pouco taciturna.

Koishi suspirou.

— Exagerou um pouco, não foi?

— Os meus amigos começaram a troçar de mim por comer sempre a mesma coisa. Era costume esconder o conteúdo do meu *bentō* com a tampa da caixa e engolir tudo o mais depressa possível. Talvez seja por isso que não me lembro bem do sabor. Apenas me lembro de que, bem, *gostava*. — Kyosuke disse estas últimas palavras com convicção.

— Apenas comi *nori-ben* das lojas de *bentō*, por isso não sei como é que as pessoas o confeccionam em casa, mas... era mesmo apenas *nori* e arroz? Não inseriu uma camada de flocos de atum-bonito no meio? — Koishi fez um desenho no caderno e mostrou-a a Kyosuke.

— Não, tem razão. Tinha três camadas. Primeiro, uma camada de arroz, depois algumas lascas de atum-bonito ensoçadas em molho de soja e as *nori* em cima. — Acrescentou estes pormenores ao desenho de Koishi. — Exatamente a mesma coisa, todos os dias.

— O sabor tinha algo que o destacasse? Não era especialmente doce, salgado ou outra coisa?

— Não, nada disso — respondeu Kyosuke, fitando o desenho com atenção. — Creio que era bastante banal, mas lembro-me de ser um bocado para o seco.

Koishi inclinou a cabeça para o lado.

— Seco? Isso não me parece muito saboroso. Sempre pensei que as *nori* e as lascas de atum-bonito eram mais saborosas quando ainda estavam um pouco húmidas...

Kyosuke esboçou um sorriso fraco.

— Também me lembro de, às vezes, ser um pouco... amargo.

— Amargo? Não estava... estragado, pois não? — disse Koishi com um sorriso. — Mas fora de brincadeira, se era apenas arroz, lascas de atum-bonito e *nori*, não deveria ser relativamente fácil de recriar? — Passou o dedo por cima do desenho ao falar.

— Foi o que também pensei, mas quando pedi ao cozinheiro da cantina para o fazer, simplesmente não era igual. Tinha um sabor tão insípido que mal o consegui terminar.

Com o do meu pai, devorava tudo e a caixa de *bentō* ficava vazia num instante. — Kyosuke dizia isto num tom apaixonado.

— Se calhar era por ainda ser jovem — aventou Koishi, sem conseguir equiparar-se ao entusiasmo dele. — Quero dizer, era tudo o que comia ao almoço, não era? De qualquer forma, não disse que comia depressa de propósito porque não queria que os seus amigos vissem?

— Pois, sim, mas... — respondeu Kyosuke, o entusiasmo a diminuir um pouco.

— O seu pai era um cozinheiro de mão-cheia?

— Não. Na verdade, raramente o vi na cozinha antes de a minha mãe o deixar.

— Quer dizer que este era o seu único prato emblemático. Mas... o que o levou a querer comê-lo outra vez assim de repente?

— A minha tia contactou-me. Ao que parece, a condição do pai piorou. Ela quer que eu no mínimo o vá visitar...

— Então, porque não vai? Seria a sua oportunidade de lhe agradecer por todos os *bentōs*.

Kyosuke franziu o cenho.

— Se ele apenas os fez porque qualquer outra coisa exigiria demasiado esforço... acho que não o quero ver.

— A sério? Mesmo assim, acho que deveria ir, pessoalmente... — disse Koishi com um encolher de ombros.

— Talvez vá — respondeu Kyosuke, cerrando um pouco os dentes. — Mas, primeiro, quero lembrar-me do sabor daquele *nori-ben*. Creio que isso me ajudará a compreender o que ele sentia em relação a toda a situação.

— Bem, faremos os possíveis e, com um pouco de sorte, conseguirá resolver as coisas com o seu pai. Digo «faremos»

— disse Koishi com um sorriso —, mas o meu pai é que fará toda a investigação.

— Obrigado. É muito importante para mim — disse Kyosuke, pondo-se de pé e fazendo uma grande vénia. A voz recuperara a vitalidade de há pouco.



Quando regressaram ao restaurante, Nagare pegou no telecomando e apagou a televisão que havia numa prateleira perto da entrada.

— Correu tudo bem?

— Oh, correu muito bem — respondeu Koishi —, mas parece-me que temos muito trabalho pela frente.

— Dizes sempre isso. Bem, só nos resta darmos o nosso melhor. É algo complicado, é?

— Pai, é... *nori-ben*.

Kyosuke esboçou um sorriso, confrangedor, e encolheu os ombros, envergonhado.

— Ah — retorquiu Nagare. — Os pratos mais simples são sempre os mais difíceis de conseguir na perfeição.

Ao ouvir isto, o sorriso desapareceu dos lábios de Kyosuke.

— Não se preocupe — disse Koishi, dando-lhe uma palmadinha nas costas. — O meu pai vai descobrir.

Kyosuke fez uma vénia para ambos, depois virou-lhes costas para ir embora. Quando abriu a porta do restaurante, apareceu um gato malhado que correu para os seus pés.

— Ei, tu — disse Nagare com brusquidão —, nem penses em entrar aqui!

— Nós também tínhamos um gato malhado em Oita — disse Kyosuke. — Como se chama?

— *Hirune*² — respondeu Koishi. — Passa o dia na sorna, sabe? — Chamou o gato que, com um olhar cauteloso em Nagare, caminhou cuidadosamente até ela.

— Então, quando devo voltar cá? — Kyosuke tirou o saco do ombro e tirou de lá o telemóvel.

— Pode ser dentro de duas semanas? — perguntou Nagare.

Kyosuke passou o dedo pelo visor do telemóvel para consultar a agenda.

— Ah, no próximo fim-de-semana tenho uma concentração em Quioto, por isso será perfeito.

— Confirmarei os pormenores por telefone — disse Koishi, pegando em *Hirune* ao colo.

Kyosuke guardou o telemóvel, voltou a agradecer e começou a descer a rua, rumo a Oeste.

— A estação de Keihan fica para o outro lado! — avisou Koishi.

Kyosuke parou, deu meia volta e suspirou.

— Tenho um sentido de orientação atroz. — Com um sorriso envergonhado, passou por eles e continuou a caminhar pela rua.

— Até breve — disse Nagare nas suas costas.

Kyosuke parou outra vez.

— Ah, esqueci-me completamente de pagar! — Voltou para junto deles a coçar a cabeça, com um ar envergonhado.

² Em português, «sesta» ou «soneca». [N. T.]

— Pode pagar da próxima vez — disse Koishi. — Junto com a taxa do serviço de detetive.

— Quanto devo... hã... trazer? — perguntou Kyosuke, com um olhar desamparado para Koishi.

— Não se preocupe. Não será nada de especial — atalhou Nagare.

— Está bem. Obrigado. — Kyosuke fez outra reverência e estugou o passo rua abaixo.

Ficaram a vê-lo afastar-se, depois voltaram para dentro. *Hirune* fez um *miau* lânguido.

— Nem acredito que um atleta de elite como o Kyosuke quer que lhe façamos... *nori-ben* — disse Koishi, limpando a mesa. — Não é propriamente a combinação de que estava à espera!

— Então, já o tratas pelo nome próprio, hã? — disse Nagare, ao sentar-se ao balcão a abrir o bloco de notas de Koishi. — São amigos ou quê?

As mãos de Koishi pararam de limpar.

— O quê? Pai, a sério que não percebeste?

— Não percebi o quê? — indagou Nagare, a expressão inalterada ao folhear o caderno.

— É um nadador famoso! Vai aos Jogos Olímpicos e tudo. Costas, mariposa, estilo livre... Nada os estilos todos! — Koishi imitou uma pessoa a nadar *crawl*.

— Oh, pois — retorquiu Nagare ao tirar um mapa da prateleira. — Bem, não interessa muito quem é o cliente, pois não? Apenas podemos dar o nosso melhor.

— Bem, sim, mas... — disse Koishi, enchendo as bochechas de ar.

— Com que então, Oita. Aquele lugar é um paraíso para os amantes de comida. Toda aquela cavala deliciosa... Pelos vistos terei de fazer uma pequena viagem.

— Parece divertido! Posso ir?

— Não. O teu trabalho é olhar por isto enquanto eu estiver fora. Não te preocupes que eu trago-te uma coisinha. Além disso — acrescentou, com um olhar para o altar na sala dos fundos —, a tua mãe iria sentir-se muito só, aqui sem mais ninguém.

2

A concentração da Faculdade de Desporto de Kindai estava a decorrer no *campus* de Fukakusa, no distrito Fushimi em Quioto. Alguns dias depois de começar, Kyosuke foi por fim autorizado a tirar um dia de folga. Ao embarcar no comboio para Keihan, sentiu-se entusiasmado com a expectativa.

O comboio passou pela estação de Fushima-Inari, o edifício pintado do mesmo vermelho-vivo que os famosos portões *torii* ali perto e depois, algumas estações mais à frente, desapareceu debaixo da terra. Quando parou na estação de Shichijo, Kyosuke desceu para a plataforma com uma pequena bolsa a tiracolo.

Apesar de ser a segunda visita, Kyosuke, com as suas dificuldades de orientação, não tardou a perder-se. Com o mapa cheio de vincos na mão, seguiu devagar pelas ruas, fazendo um esforço para se lembrar do caminho. Por fim, avistou um edifício que reconheceu.

Lá dentro, Koishi recebeu-o com um sorriso.

— Bem-vindo de volta!

— Olá outra vez! — respondeu Kyosuke antes de olhar em redor com ansiedade à procura de Nagare.

— Não se preocupe. O pai descobriu tudo — disse Koishi. — Está só a preparar uma coisa na cozinha, por isso espere só um minuto, está bem?

— Mal consegui dormir esta noite — disse Kyosuke antes de reprimir um bocejo.

— É mais sensível do que pensei — disse Koishi com um riso por entre dentes. — De certeza que aguentará participar nos Jogos Olímpicos?

— Isso é diferente, está bem? — retorquiu Kyosuke de mau humor.

— Desculpe fazê-lo esperar — disse Nagare, espreitando pela porta da cozinha. — Eu... hã... pensei que poderíamos experimentar uma coisa divertida.

— Sim — disse Koishi. — O pai já tinha tudo pronto, mas depois teve uma ideia brilhante e começou a remexer em tudo outra vez.

Kyosuke levantou-se um pouco e tentou espreitar para a cozinha.

— Está... tudo bem?

— Oh, de certeza que está tudo *completamente* sob controlo — disse Koishi, com uma expressão sardónica.

— Muito bem, tudo a postos. — Nagare voltou a assomar com duas caixas de *bentō* numa bandeja quadrada.

Kyosuke, que comera três tigelas de arroz ao pequeno-almoço nessa manhã, retraiu-se um pouco.

Todos nós temos receitas que nos são especiais e que, por alguma razão, se perderam para sempre.

Receitas que, por mais que quiséssemos, simplesmente não conseguiríamos recriar. Mas existe um restaurante único em Quioto que nos ajuda a fazê-lo...

Escondido numa pequena rua de Quioto situa-se o extraordinário Restaurante Kamogawa, gerido pelo *chef* Nagare e a sua filha, Koishi. Esta dupla pai-filha reinventou-se como «detetives gastronómicos», oferecendo um serviço que vai muito além da confeção de refeições deliciosas. Graças à investigação culinária a que se dedicam, recuperam receitas perdidas e trazem à lembrança memórias esquecidas.

De um nadador olímpico que sente saudades da marmita *bentô* que o seu pai lhe preparava diariamente em criança, à estrela *pop* que se lembra da tempura que comeu para celebrar o seu único álbum bem-sucedido, cada cliente que entra no restaurante vê a sua vida mudada para sempre — ainda que, por vezes, não do modo que esperava.

Terno, divertido e muitas vezes comovente, *O Restaurante das Receitas Perdidas* é uma carta de amor ao poder milagroso das refeições mais saborosas e inesquecíveis.

Do mesmo autor:



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789895832781



9 789895 832781 >